

PERSONALIDADE

'Diários Índios' será obra-prima de Ribeiro

O antropólogo e senador acaba de lançar dois livros — 'O Povo Brasileiro' e 'O Brasil como Problema' —, mas diz que o trabalho que o fará ser lembrado no futuro é relato de sua convivência com os índios urubu-caapor

JOSÉ CASTELLO

Cinco minutos depois que o professor Darcy Ribeiro subiu, na segunda-feira, ao apartamento 308 do Della Volpe Garden — onde se hospedou para promover em São Paulo o lançamento simultâneo de dois livros —, uma figura barbuda, exalando perfumes impetuosos, desembarcou no hall do hotel. O parapsicólogo Thomas Green Morton não esperou que o convocassem. Assim que soube que Darcy Ribeiro estaria em São Paulo por dois dias, fez uma pequena mala e partiu para a cidade. Sua aparição foi saudada pelo professor com euforia. Uma hora depois, ardentes gritos de "Rá!" ecoavam pelo corredor do terceiro andar, fazendo a porta do 308 tremer.

Morton passou toda a tarde ao lado do antropólogo, energizando-o para a hora e meia de entrevista que concedeu, naquela noite, ao programa *Roda Viva*, da *TV Cultura*. O esforço do parapsicólogo foi plenamente recompensado. Darcy estava, como sempre, insu-

perável — como se o câncer contra o qual luta vigorosamente fosse apenas uma brincadeira de mau gosto.

Ao fim do programa, o antropólogo carregou seus entrevistadores para um jantar em uma churrasqueira nos Jardins. Quando a conta foi pedida, depois das 2 da manhã, o professor era, numa mesa em que todos podiam ser seus filhos, o único a sustentar a conversa. Darcy rememorou velhos mitos indígenas, confessou que seu arquiinimigo Filinto Müller teve um papel decisivo no nascimento da Universidade de Brasília, estimulando o congresso a aprovar sua criação, e devorou duas belas fatias de carne sangrenta com goles de vinho tinto. Estava ótimo.

Os dois livros que veio lançar

em São Paulo compõem o desfecho de ouro para uma obra genial. Mas Darcy não vê as coisas exatamente assim e quer muito mais. *O Povo Brasileiro*, ensaio definitivo sobre a modelagem da identidade brasileira, que chega às livrarias com o selo da Companhia das Letras, é, com todas as muitas restrições que se possa a ele fazer, certamente sua obra mais importante.

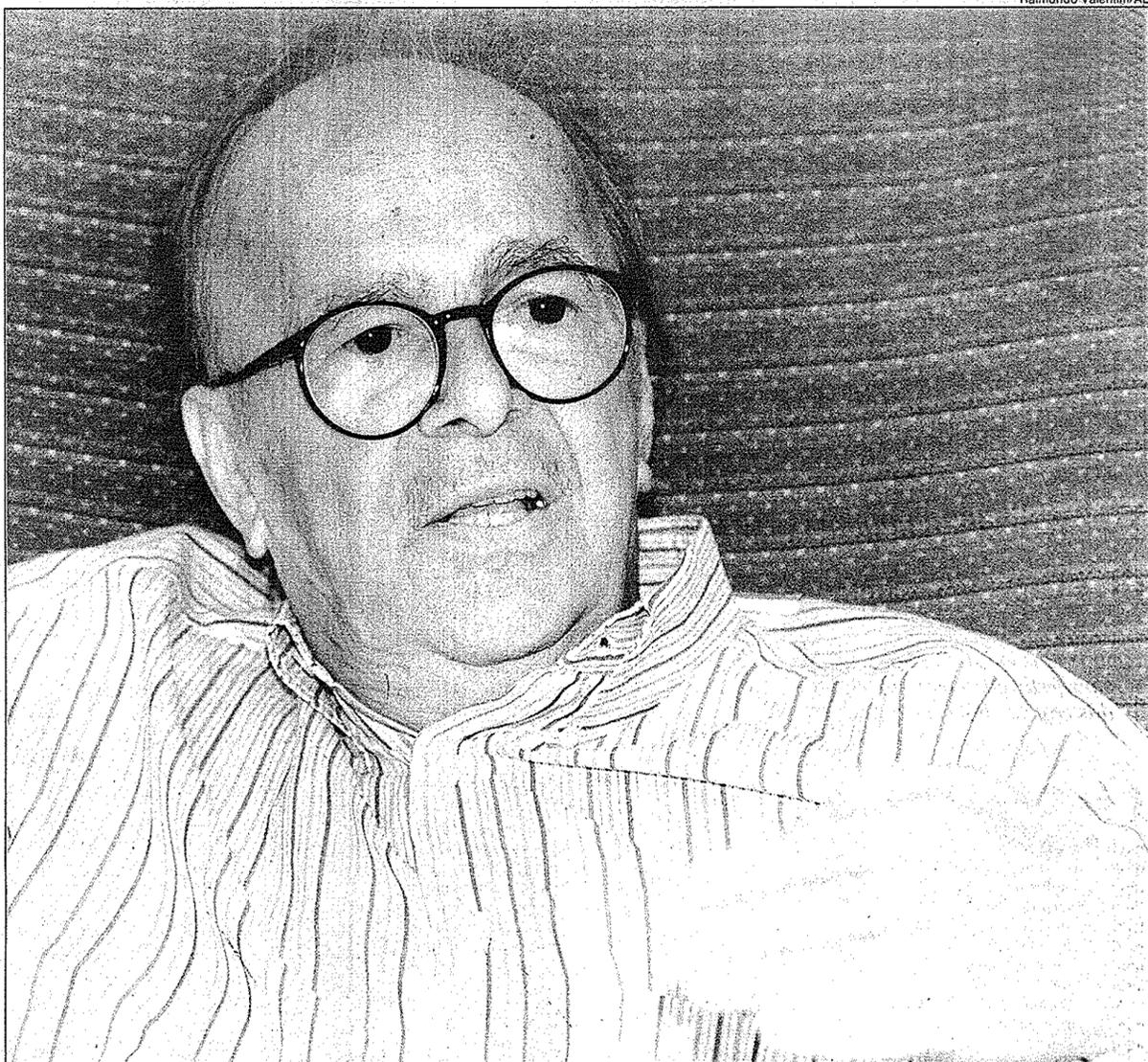
O Brasil Como Problema, coletânea de artigos dispersos e discursos adaptados que a Francisco Alves lança essa semana, repete em grande parte — com a desvantagem da pressa imposta pela circunstância — o primeiro livro, mas traz algumas preciosidades inesperadas como um ensaio sobre a Suíça e a "suicidade".

São dois livros polêmicos e tempestuosos, que fixam em definitivo a imagem de Darcy Ribeiro na restrita galeria daqueles poucos homens de fibra que ousaram pensar uma teoria do Brasil.

Sob a assinatura do professor, na verdade, estão vários homens: o antropólogo destemido que se

propôs, desde cedo, a restaurar a dignidade dos índios e sua imagem no imaginário brasileiro; o educador inovador, discípulo de Anísio Teixeira, que fundou a Universidade de Brasília e legou ao Estado do Rio a polêmica obra dos Cieps; o político apaixonado que, no caudal do varguismo e depois do brizolismo, se tornou ministro de Estado, chefe da Casa Civil, vice-governador do Rio e é há quatro anos senador da República; e, sobretudo, o escritor radical, que despeja as palavras como projéteis em busca de vítimas incautas, porque Darcy sabe muito bem que a palavra não é coisa que se desperdice.

Depois de ser internado com uma pneumonia aguda agravada por um câncer — ele só tem um pulmão ou, como prefere di-



Darcy Ribeiro: "O relato frio da realidade provavelmente se tornará mais fascinante em meus diários à medida que o tempo passe"

zer, "meio pulmão" — e de passar 20 dias na câmara de horrores de uma UTI, Darcy fugiu do hospital para terminar *O Povo Brasileiro*. Agora que, orgulhoso, exhibe o livro ao País, não parece, nem assim, cansado. Já tem um terceiro livro pronto, *Noções das Coisas*, que está sendo ilustrado por Ziraldo, é dirigido ao público infanto-juvenil e sairá pela FTD. E já começa a trabalhar em outro, os *Diários Índios*, registro dos

dois anos que passou, entre 1949 e 1951, entre os urubu-caapor, na fronteira do Maranhão com o Pará, livro que, afirma sem constrangimentos, será sua única obra conhecida e lida daqui a um século. *O Povo Brasileiro*, os leitores se preparem, é apenas o esquentamento.

Na terça-feira, Darcy Ribeiro embarcou para Brasília com a bagagem cheia de garfos e colheres entortados por Thomas Green Morton, relíquias do irracional que pretende exibir no plenário do Senado Federal na esperança de que a vaidade de nossos políticos se amanse. Hoje, viaja para Ouro Preto, onde será homenageado. No sábado, em seu apartamento do Rio de Janeiro, receberá uma visita especial do escritor colombiano Gabriel García Márquez. No intervalo de uma das sessões de energização com Morton, os olhos brilhando como os de uma criança intrigada, Darcy Ribeiro deu esta entrevista.

★
Caderno 2 — O senhor fugiu do hospital para terminar os dois livros que chegam essa semana às livrarias. Depois da maratona de lançamento, será a hora de descansar um pouco?

Darcy — Não tenho tempo. Já estou trabalhando em outro livro, que será o meu livro mais importante, o único pelo qual, provavelmente, serei lembrado daqui a 100 anos. Ele se baseia em 600 páginas de diários que escrevi durante os 2 anos que passei entre os índios Urubu-caapor, na fronteira do Maranhão com o Pará, no fim dos anos 40. Os urubu-caapor são muito importantes por serem os últimos representantes dos tupinambás na costa brasileira. E eu registrei, dia por dia, em enormes cadernos de capa dura, os dois anos que vivi entre eles. Agora, relendo os diários, 40 anos depois, vejo que eles ainda estão muito vivos e que estão também muito bem escritos.

Caderno 2 — E como será esse livro?

Darcy — Ele se chamará *Diários Índios — O Urubu-caapor* e terá exatamente a forma de um diário. Tenho certeza de que entre todos os livros que escrevi, inclusive esses dois que estou lançando agora, esse diário será o único a perdurar. Teorias, por mais brilhantes que se-

jam, se tornam ultrapassadas. O tempo as consome. Mas o relato frio de uma realidade, como aparece em meus diários, isso jamais se esgota. Poderá ser lido, com muita fascinação, no ano 3000. E provavelmente, quanto mais o tempo passe, mais fascinante ele se tornará.

Caderno 2 — Quais foram suas grandes aventuras entre os urubu-caapor?

Darcy — Eu os acompanhei em duas expedições. Na primeira, subimos juntos ao longo do rio Gurupi, na fronteira do Pará com o Maranhão, numa viagem que durou 40 dias. Na segunda expedição, subimos até o alto do rio Pinderá. Foi muito engraçado, porque viajamos em grupos separados e combinamos um encontro no alto do rio. Quando lá cheguei, não encontrei ninguém e pensei que eles já tinham voltado. Mesmo assim, esperei. Vinte dias depois, eles chegaram e se espantaram com a minha rapidez. Fizemos a viagem de volta toda a pé, uma

caminhada de 700 quilômetros. Todas essas histórias estarão em meu livro.

Caderno 2 — Quem é o personagem mais importante desses diários?

Darcy — Certamente, o índio Anacampuku, nome que significa Arara Grande. Ele foi meu principal informante nas duas expedições.

E me forneceu, durante a viagem, uma preciosa genealogia de sua tribo, que começava no ano de 1820. Juntos, reconstruímos uma árvore genealógica que tem 1.100 nomes. Não há um só nobre europeu que apresente uma grade de ascendentes tão esplendorosa.

Caderno 2 — Será um livro mais importante que *O Povo Brasileiro*?

Darcy — Eu tenho dito que levei 30 anos mais 40 dias para escrever *O Povo Brasileiro*. Ele é o resumo das duas mil páginas de livros que publiquei ao longo de minha vida, em 96 edições. Durante 30 anos, fiz anotações exaustivas de minhas idéias, fui avançando e me corrigindo, lutando contra meus

próprios vícios intelectuais para traçar um retrato do homem brasileiro. Em 40 dias, trabalhei sem parar sobre esse material acumulado ao longo de toda uma vida e cheguei à forma final. É um livro que me agrada muito. Mas, insisto, os *Diários Índios* serão minha grande obra.

Caderno 2 — O senhor tem outros projetos na gaveta, ou na cabeça?

Darcy — Tenho um livro pronto, *Noções das Coisas*, dedicado ao público juvenil, que está sendo ilustrado pelo Ziraldo. É um livro que tem 30 capítulos curtos e que pretende ser uma provocação com os nossos jovens. Parte de perguntas esquisitas, como essa: "Se o mundo fosse acabar amanhã e você pudesse salvar 1.000 pessoas, quem salvaria: 1.000 sábios ou 1.000 feirantes?" Perguntas provocativas, que farão a garotada pensar.

Caderno 2 — E que resposta o senhor dá para essa pergunta?

Darcy — Eu, sinceramente, ficaria com os 1.000 feirantes. Os sábios são homens que costumam saber uma coisa só e passam a vida concentrada na elaboração de sua descoberta. Os feirantes, não: eles sabem plantar mandioca, cenoura, laranjas, espinafres. Eu, que me sinto uma cobra

sempre mudando de pele, sou muito mais pelos feirantes.

Caderno 2 — Que livro mais o senhor está escondendo?

Darcy — É verdade, tem mais um, mas eu não gosto de falar muito dele. Vai se chamar *Eros e Tânatos* e é uma coletânea de poemas eróticos que comecei a escrever há dois anos. Já tenho uns 50 poemas prontos, mas eu ainda considero esse livro um negócio meio secreto. Acho que é um livro para ser publicado só depois de minha morte.

Caderno 2 — Pelo jeito, ainda vamos esperar muito para lê-lo.

Darcy — Ah, pode ter certeza disso. Ainda tenho muita coisa para fazer e não vou morrer tão cedo.

AUTOR
ESCREVE
HÁ DOIS
ANOS UMA
COLETÂNEA DE
POEMAS
ERÓTICOS

TEXTO
INFANTO-
JUVENIL, COM
ILUSTRAÇÕES
DE ZIRALDO, É
PRÓXIMO
LANÇAMENTO